

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ DEPARTAMENTO  
ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO CURSO DE  
ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

TALYSSA DAS CHAGAS LIMA

**ANÁLISE DAS CRÔNICAS DE LIMA BARRETO PELO OLHAR DA  
SOCIOLINGUÍSTICA**

CURITIBA

2018

TALYSSA DAS CHAGAS LIMA

**ANÁLISE DAS CRÔNICAS DE LIMA BARRETO PELO OLHAR DA  
SOCIOLINGUÍSTICA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Língua Portuguesa e Literatura da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito final para obtenção do título de Especialista.

Orientação: Profa. Dra. Maurini de Souza

CURITIBA

2018

## ANÁLISE DAS CRÔNICAS DE LIMA BARRETO PELO OLHAR DA SOCIOLINGUÍSTICA

Esta monografia foi julgada e aprovada como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista, do curso de Especialização em Língua Portuguesa e Literatura do Departamento de Linguagem e Comunicação (DALIC) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 23 de outubro de 2018.

---

Prof. Dra. Maurini de Souza – UTFPR – Orientadora

---

Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima - UTFPR – Avaliador

---

Profa. Dra. Carolina Fernandes da Silva Mandaji - UTFPR – Avaliadora

## AGRADECIMENTO

Desde pequena meu pai me dizia: “Não ta morto quem peleia, filha!”. Eu não entendia o conceito lexical da frase, o significado global, mas, sabia que deveria ser algo bom, afinal, era meu pai quem falava. Aprendi a gostar das letras com você, pai. Obrigada por me mostrar sentimento de pertença com as “suas” e tão “nossas” palavras em variação linguística.

## RESUMO

LIMA, Talyssa das Chagas. Análise das crônicas de Lima Barreto pelo olhar da sociolinguística. 21 f. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa e Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

Este apanhado de ideias é um estudo bibliográfico que traz como temática a literatura do autor brasileiro Lima Barreto. O objetivo da produção textual é contribuir para os estudos de língua, linguagem, arte e comunicação que versam sobre a atividade discursiva e seu sentido global. Fala-se aqui, mesmo que de forma preliminar, de empoderamento linguístico. A escrita deste trabalho versa sobre as variações diatópica, diafásica e diafásica- elencadas por Marcos Bagno (1999), e que se manifestam em textos do estilo crônica de Barreto. No presente artigo, estudar-se-á, sobretudo, a escrita de caráter de resistência literária que a linguagem de Barreto traz. Isto, trazendo como pano de fundo a ciência democrática das Letras: a intitulada Sociolinguística.

**Palavras-chave:** Lima Barreto. Literatura de resistência. Empoderamento linguístico. Sociolinguística.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1.LIMA BARRETO E A ESCRITA ÁCIDA EM CONSONÂNCIA COM OS ESTUDOS DA SOCIOLINGUÍSTICA.....	8
2.OS ESTUDOS DE SOCIOLINGUÍSTICA NO COMBATE À EXCLUSIVIDADE DA VARIEDADE PADRÃO.....	9
3. ANÁLISE DAS CRÔNICAS DE LIMA BARRETO.....	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
REFERÊNCIAS.....	21

## INTRODUÇÃO

Esta produção textual apresenta como temática o olhar sobre as crônicas do autor Lima Barreto por meio da Sociolinguística. Aqui se observará como se manifestam as variações diatópica, diacrônica e diafásica (Bagno, 1999) na linguagem popularesca das obras do referido autor. Isto, a fim de verificar como se deu tal literatura de resistência no Brasil diante de tantos outros autores que ditavam a linguagem ideal da época, tal como o autor Rui Barbosa que trazia sua linguagem construída de acordo com a norma culta.

Lima Barreto, ao debruçar-se na escrita fora dos padrões de linguagem da época, sofre o que se chama de preconceito linguístico. Suas obras desvencilham-se absolutamente das obras tradicionais, suas marcas de expressão, pensa-se, que corroboram com as teorias de William Labov (1960) que versam com o olhar variacionista da língua e da linguagem.

Uma das hipóteses, sobre isto, se faz por meio desse questionamento: A escrita de cunho de resistência de Lima Barreto dialoga com a linha teórica da Sociolinguística?

Outro questionamento que se faz é: Rui Barbosa e Lima Barreto diferem apenas na linha da escrita, apenas pela predominância ou ausência do Português não-padrão?

Barreto é de origem humilde. Além do preconceito linguístico ele sofreu muitos outros preconceitos. Filho de pais mestiços, Barreto via-se em uma sociedade excludente do Brasil do século XX. Seus registros escritos configuram-se, portanto, como instrumento de sua luta particular e de suas ideologias.

O referido autor foi jornalista e escritor de muitos títulos literários mas, para esta análise, serão escolhidas apenas suas produções do estilo crônica pois estas aparentam, hipoteticamente, pertencer à sociolinguística. As crônicas mostram a essência pura de escrita variacional, de resistência, de Barreto e, como tal, serão alvos de investigação nesta análise.

Isto posto, por meio da referida produção monográfica buscar-se-á estudar a linguagem de Lima Barreto pelo recorte teórico da sociolinguística e com o suporte de apoio traz exemplos de crônicas de Rui Barbosa, uma vez que tais poetas situam-se sincronicamente na história literária do Brasil.

## 1 LIMA BARRETO E A ESCRITA ÁCIDA EM CONSONÂNCIA COM OS ESTUDOS DA SOCIOLINGUÍSTICA

Barreto (1881-1922) era contundente na escrita, afinal, sua vida fora repleta de lutas, desde a nascença, desde a ancestralidade. Advindo de paternidade de escravizados - filho de João Henriques de Lima Barreto e Amália Augusta Barreto, que, mesmo libertos, carregavam consigo o estigma de um povo sofrido, Barreto aprendera desde cedo a clamar por seus direitos. Um deles foi o direito da escrita, de ter voz e voz, de espalhar suas ideias por meio da literatura.

Mas, a escrita de Lima Barreto não era tida como tradicional. Ela era de resistência. A escrita de Barreto apontava, também, para os falsos sabedores da boa escrita. O sarcasmo de Lima Barreto era sua marca. Sobre as letras e os seus “doutores”, o autor enfatiza na obra “Os Bruzundangas” (1922):

Assim também são os literatos que simulam sê-lo para ter a glória que as letras dão, sem querer arcar com as dores, com o esforço excepcional, que elas exigem em troca. A glória das letras só as tem, quem a elas se dá inteiramente; nelas, como no amor, só é amado quem se esquece de si inteiramente e se entrega com fé cega. (p.07)

A referência que se consta de estudo de “glória das letras” que pode-se fazer, além da literatura de Barreto, é a Sociolinguística. A ciência das letras que estuda as variantes desta.

Um autor que preconizou teorias Sociolinguísticas foi William Labov. Na década de 1960, o referido autor lançou teorias que indicariam que a língua manifestaria- de forma plural.



## 2 OS ESTUDOS DE SOCIOLINGÜÍSTICA NO COMBATE À EXCLUSIVIDADE DA VARIEDADE PADRÃO

Em contrapartida à visão ainda obscurantista da língua é que, surgem em 1960, os primeiros estudos que versam sobre a língua em variação. Quem os escreveu foi William Labov, um pesquisador norte-americano. Em entrevista para a autora, também da área de Sociolinguística, Stella Maris Bortoni Ricardo, William Labov elucida sobre o que é a ciência da sociolinguística quando fala sobre qual é o objeto de estudo da sociolinguística:

É a língua, o instrumento que as pessoas usam para se comunicar com os outros na vida cotidiana. Esse é o objeto que é o alvo do trabalho em **variação linguística**. Existem outros ramos da **Sociolinguística** que estão preocupados primordialmente com questões sociais: o **planejamento linguístico**, a escolha da **ortografia oficial** e outros que se preocupam com as consequências das ações de fala. Todas essas são importantes áreas de estudo, mas eu sempre tentei abordar as grandes questões da Linguística, como determinar a estrutura da linguagem – suas formas e organização subjacentes – e conhecer o mecanismo e as causas da mudança linguística. Os estudos da linguagem usada no dia a dia provaram ser bastante úteis para alcançar esses objetivos. (LABOV, 2007)

Para Labov (2007), precursor dos estudos da Sociolinguística, o objetivo maior é o estudo da língua é ela por ela mesma. Se faz enquanto uso desta. Língua, que Bagno (1999) acrescentaria se configurar como em constante variação, viva e mutante. Objeto de comunicação que Tarallo evidenciaria que para uns, teria prestígio social e para outros falantes que fazem uso da variação linguística, seria de desprestígio e estigma social.

Ainda sobre a questão de desprestígio, Fernando Tarallo, conta-nos sobre como isto funciona na prática. O autor fala sobre a marcação do plural, quando revela que:

Em geral, a variante padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não-padrão e estigmatizada pelos membros da comunidade. Por exemplo, no caso da marcação de plural no português do Brasil, a variante [s] é padrão, conservadora de prestígio; a variante [ɨ], por outro lado, é inovadora, estigmatizada e não-padrão.” (TARALLO, 1986, p.12)

Bago (1999) denomina que há, predominantemente, três tipos de variação. São elas: diafásica, diatópica e diastrática. Uma refere-se à fase, gíria (uso do formal e do informal), outra à regionalidade, ao geográfico, e a última, à camada social.

A variação diafásica refere-se ao modo peculiar, o status quo de cada situação de contexto da fala, que pode ser: formal ou informal. Já a variação diatópica vem de acordo com a localidade que se fala. O Sul e o Norte do Brasil não falam da mesma forma, por exemplo. E, por fim, a variação diastrática é aquela que faz relação com fala prestigiada e a de pouco prestígio. Ela está ligada a pluralidade de camadas sociais e contextos de comunicação.

Quando se pensa em língua ou linguagem. está se pensando cultural, social e politicamente. Cultural porque deve-se observar as nuances da língua e da linguagem em cada parte do território em que essa linguagem existe. Cada nativo tem sua singularidade, são sotaques, destaques sonoros e repertórios culturais próprios. Social, pois a língua e a linguagem criam laços e embaraços- tais como pessoas estigmatizadas que têm o título de pessoas sem-língua (Bago 1999), aquelas que fazem “mau uso” da língua portuguesa. E politicamente porque o domínio de certas variações garantem o acesso político a diferentes grupos sociais. . A Educação cria barreiras linguisticamente que cerceiam cidadãos e o impedem de ter vez e voz. Carlos Alberto Faraco em *Estrangeirismos: guerras em torno da língua* (2002) constata sobre as dimensões da língua e do ser linguístico no nosso país. Ela nos diz que quando pensa- se ou fala-se sobre questões linguísticas no Brasil significa falar, concomitantemente, de questão política.

A estudiosa afirma que os preconceitos linguísticos estão infiltrados nas relações sociais e que é tempo de colocar a questões de empoderamento linguístico em discussões sociais uma vez que língua, vez e voz é direito, embora silenciado, de todos os cidadãos brasileiros.

E falando em língua partamos do início: da aprendizagem que cada ser faz desde os primórdios, ou seja, os primeiros contatos com os grupos falantes da língua materna. Aprende-se por contato, intuitivamente, antes de qualquer ensino de gramática normativa. Encaixamo-nos na língua como se fora peças de uma grande engrenagem. O plural faz-se presente, os artigos para feminino e masculino disponibilizam-se democraticamente em nossa cabeça, as flexões verbais aparecem, os sinônimos veem quando começamos a ler e aumentar o repertório e

assim tudo vai fluindo. Sobre isto, Irandé Antunes em *Gramática Contextualizada: limpando o pó das ideias simples* (2002), preconiza:

A aprendizagem que, pouco a pouco, uma criança faz da língua de seu grupo é, na verdade, a apreensão das particularidades gramaticais e lexicais dessa língua. Pelo convívio com falantes de seus grupos, a criança vai identificando que padrões morfossintáticos são adotados e vai, naturalmente, incorporando esses padrões e estendendo-os a contextos similares, quase sempre na suposição de que a língua é inteiramente regular. É assim que ela percebe, no caso do português, por exemplo, a flexibilidade de terminações como marcadores de gênero (feminino e masculino) e, na suposição daquela regularidade, diz “minhas colegas” e “meus colegas”. (p.31 e 32),

Acerca disso, a autora e estudiosa da Educação reitera as formas de desenvolvimento linguístico, decorrentes durante a atividade discursiva familiar, social e global. Para ela, “A gramática é parte da atividade discursiva”, ou seja, ela por si própria não bastaria, é uma parte importante, mas, não se faz língua, vida comunicativa, apenas com ela. Segundo Antunes, necessita-se da gramática para falar, porém não só deste artefato para nos comunicar-se, para viver em sociedade precisa-se de atividade discursiva intuitiva, também.

Para Antunes, a gramática é parte da língua e não ela como um todo. Cabe aqui a luz do conhecimento do professor Marcos Bagno. Bagno escreve a metáfora que descreve a gramática normativa de uma forma profunda e utilitária para que a reflexão sobre a língua possa ser feita. Ele salienta que: “A língua é um enorme iceberg flutuando no mar do tempo, e a gramática normativa é a tentativa de descrever apenas uma parcela visível dele, a chamada norma-padrão.” (1999, p.21)

Faraco vai além na questão do pensar e falar a língua. O autor considera que a bagunça linguística é mérito de uma sociedade desprovida de inteligência social e comunitária.

Os linguistas brasileiros têm produzido também uma substancial crítica dos dizeres míticos que enredam a questão da língua no Brasil e suas trágicas consequências : temos mostrado quão esquizofrênica é a sociedade brasileira quanto à língua; temos combatido arraigados preconceitos linguísticos que afetam tão insidiosamente as nossas relações sociais; temos denunciado a miséria da educação linguística que se oferece na escola brasileira. (p.40)

Bagno debate que todos somos falantes, não existem, dentre os falantes maternos, os desprovidos de saberes idiomáticos, todos são partícipes da comunidade linguística de seu Estado-Nação.

A cerca disso, Marcos Bagno (1999) faz uma construção de ideias. Para o autor, qualquer falante nativo de uma língua a conhece. De acordo com Bagno, “saber” sua língua materna é intrínseco ao ser de cada falante. É algo natural, orgânico, portanto.

Até mesmo a linguista Ingedore Villaça Koch, quando fala em coesão linguística, referencia, mesmo que indiretamente, a relação harmoniosa e, por vezes, intuitiva que os falantes têm com a língua. Observa-se isto na seguinte afirmação:

Consideram a coesão como parte de uma língua: embora se trate de uma relação semântica, ela é realizada –como ocorre com todos os componentes do sistema semântico –através do sistema léxico-gramatical. Há, portanto, formas de coesão realizadas através da gramática e outras através do léxico. (p.16).

Ao salientar o nível de coesão pelo léxico, ela mostra que há “gramática” na situação interacional do uso da língua. Marcos Bagno coloca mais argumentos históricos, sociais, culturais e políticos nessa discussão. Ele escreve quando refere-se a construção social feita sobre normas e padrões advindos da gramática.

O que aconteceu, ao longo do tempo, foi uma inversão da realidade histórica. As gramáticas foram escritas precisamente para descrever e fixar como “regras” e “padrões” as manifestações linguísticas usadas espontaneamente pelos escritores considerados dignos de admiração, modelos a ser imitados. Ou seja, a gramática normativa é decorrência da língua, é subordinada a ela, dependente dela. Como a gramática, porém, passou a ser um instrumento de poder e de controle social, de exclusão cultural, surgiu essa concepção de que os falantes e escritores da língua é que precisam da gramática, como se ela fosse uma espécie de fonte mística invisível da qual emana a língua “bonita”, “correta” e “pura”. A língua passou a ser subordinada e dependente da gramática. O que não está na gramática normativa “não é português”. E os compêndios gramaticais se transformaram em livros sagrados, cujos dogmas e cânones têm de ser obedecidos à risca para não se cometer nenhuma “heresia”.(p.94 e 95)

Os tais livros sagrados ainda vivem e, alguns mestres do saber, linguistas e docentes consideram-se falantes com mais prestígio social por terem usarem a variante padrão. Falando em universalidade e oportunidade linguística, vale o questionamento sobre como não há equidade nem no ensino da língua, na

propagação desta e tampouco no debate dela. Irandé Antunes em *Lutar com as palavras: coesão e coerência* trata sobre isto quando afirma que:

A língua é universal. Ter competência para saber usá-la adequadamente em textos bem organizados e relevantes é um direito de todos. Direito que, parece, ainda não chegou “a todos os domicílios” ou, brasileiroamente, “em todos os domicílios”. Pelo menos, naqueles verde-amarelos. (p.21)

Como a autora elucida: língua é um direito do povo. Acrescenta-se que o direito não fora concedido, mas o dever de “falar” corretamente é aplicado. Sobre isto, veja-se o próximo capítulo.

### 3 ANÁLISE DAS CRÔNICAS DE LIMA BARRETO: VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS E CONFRONTO COM A LINGUAGEM TRADICIONAL

O homem é um ser social, possuidor de direitos de expressão, porém a palavra constitui-se como direito silenciado à publicização para algumas classes. Sobre isto, Freire explana. Ele fala a respeito dos direitos do ser:

Dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la *para* os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais... Não é possível o diálogo entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito. É preciso primeiro que os que assim se encontram negados no direito primordial de dizer a palavra reconquistem esse direito, proibindo que este assalto desumanizante continue. Se é dizendo a palavra com que, “pronunciando” o mundo, os homens o transformam, o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens. (FREIRE, 2005, p.91)

E neste sentido, de diálogo quanto ao empoderamento dos falantes da língua materna é que a linha teórica dessa produção monográfica se constituirá. Demonstrando a importância de se fazer uso do direito à palavra, Freire fala, portanto, de resistência em sua essência.

Em contrapartida à visão ainda obscurantista da língua é que, surgem em 1960, os primeiros estudos que versam sobre a língua em variação. Quem os escreveu foi William Labov, um pesquisador norte-americano. Em entrevista para a autora, também da área de Sociolinguística, Stella Maris Bortoni Ricardo, William Labov elucida sobre o que é a ciência da sociolinguística quando fala sobre qual é o objeto de estudo da sociolinguística:

É a língua, o instrumento que as pessoas usam para se comunicar com os outros na vida cotidiana. Esse é o objeto que é o alvo do trabalho em **variação linguística**. Existem outros ramos da **Sociolinguística** que estão preocupados primordialmente com questões sociais: o **planejamento linguístico**, a escolha da **ortografia oficial** e outros que se preocupam com as consequências das ações de fala. Todas essas são importantes áreas de estudo, mas eu sempre tentei abordar as grandes questões da Linguística, como determinar a estrutura da linguagem – suas formas e organização subjacentes – e conhecer o mecanismo e as causas da mudança linguística. Os estudos da linguagem usada no dia a dia provaram ser bastante úteis para alcançar esses objetivos. (LABOV, 2007)

Em consonância com essa linha de pesquisa, Bagno (2015) elenca uma questão que instiga estudo: o então denominado: preconceito linguístico.

Podemos apreciar cada vez mais, nos dias de hoje, uma fonte de militância contra as mais variadas formas de preconceito, de maneira a mostrar que eles não têm nenhum fundamento racional, nenhuma justificativa, e que são apenas o resultado da ignorância, da intolerância ou da manipulação ideológica. Infelizmente, porém, esse combate tão necessário não tem atingido um tipo muito comum na sociedade brasileira: o preconceito linguístico. Muito pelo contrário, o que vemos é esse preconceito ser alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal e de revista, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é “certo” e o que é “errado”, sem falar, é claro, dos instrumentos tradicionais de ensino da língua: as gramáticas normativas e parte dos livros didáticos disponíveis no mercado. (BAGNO, 2015, p.21 e 22)

Outro autor que dialoga com as atitudes dos falantes da língua e variação é Fernando Tarallo. Segundo ele, há variações de prestígio e outras não. Ele fala sobre a marcação do plural quando revela que:

Em geral, a variante padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não-padrão e estigmatizada pelos membros da comunidade. Por exemplo, no caso da marcação de plural no português do Brasil, a variante [s] é padrão, conservadora de prestígio; a variante [ɲ], por outro lado, é inovadora, estigmatizada e não-padrão.” (TARALLO, 1986, p.12)

Aqui, observa-se na práxis os três tipos de variação. São elas: diafásica, diatópica e diastrática. Veja-se na crônica “15 de novembro” de Lima Barreto, a variação diafásica quando ele coloca o uso das palavras “topei”, “roceiro” e “esborrachada” ou em “cá com os meus botões” e a função diastrática em escolher a construção “o grosso da população do antigo Império Austríaco”, “pensei de mim para mim”. Já o uso de “venda” entre aspas demonstra uma característica, ou geográfica (expressão utilizada no subúrbio, ou social).

Lima Barreto  
15 de novembro

Escrevo esta no dia seguinte ao do aniversário da proclamação da República. Não fui à cidade e deixei-me ficar pelos arredores da casa em que moro, num subúrbio distante. Não ouvi nem sequer as salvas da pragmática; e, hoje, nem sequer li a notícia das festas comemorativas que se realizaram. Entretanto, li com tristeza a notícia da morte da princesa Isabel. Embora eu não a julgue com o entusiasmo de panegírico dos jornais, não posso deixar de confessar que simpatizo com essa eminente senhora.

Veio, entretanto, vontade de lembrar-me o estado atual do Brasil, depois de trinta e dois anos de República. Isso me acudiu porque **topei** com as palavras de compaixão do Senhor Ciro de

Azevedo pelo estado de miséria em que se acha o grosso da população do antigo Império Austríaco. Eu me comovi com a exposição do doutor Ciro, mas me lembrei ao mesmo tempo do aspecto da Favela, do Salgueiro e outras passagens pitorescas desta cidade.

Em seguida, lembrei-me de que o eminente senhor prefeito quer cinco mil contos para reconstrução da avenida Beira-Mar, recentemente **esborrachada** pelo mar.

Vi em tudo isso a República; e não sei por quê, mas vi.

Não será, pensei de mim para mim, que a República é o regime da fachada, da ostentação, do falso brilho e luxo de *parvenu*, tendo como *repoussoir* a miséria geral? Não posso provar e não seria capaz de fazê-lo.

Saí pelas ruas do meu subúrbio longínquo a ler as folhas diárias. Lia-as, conforme o gosto antigo e **roceiro**, numa "venda" de que minha família é freguesa.

Quase todas elas estavam cheias de artigos e tópicos, tratando das candidaturas presidenciais. Afora o capítulo descomposturas, o mais importante era o de falsidade.

Não se discutia uma questão econômica ou política; mas um título do Código Penal.

Pois é possível que, para a escolha do chefe de uma nação, o mais importante objeto de discussão seja esse?

Voltei melancolicamente para almoçar, em casa, pensando, **cá com os meus botões**, como devia qualificar perfeitamente a República.

Entretanto - eu o sei bem - o 15 de Novembro é uma data gloriosa, nos fastos da nossa história, marcando um grande passo na evolução política do país.

Lima Barreto, em sua escrita, faz uso de variações as quais são alvo do dito estigma, já explicitado por Tarallo. Na crônica intitulada "15 de novembro", ele apresenta variações não padrões .

Outro ponto a se relevar é a escolha da estrutura do texto, buscando a simplicidade na escrita, que destoava dos escritos na época, o que se pode observar nesse trecho do discurso de Rui Barbosa, de 1919 (dois anos antes da escrita de "15 de novembro"). Esse texto foi escolhido porque ele é dirigido explicitamente a operários, o que aponta para a escrita considerada padrão; isto é, a "certa" em quaisquer ocasiões:

### **As verdadeiras majestades**

Às majestades da força nunca me inclinei. Mas sirvo às do direito. Sirvo ao merecimento. Sirvo à razão. Sirvo à lei. Sirvo à minha pátria. São essas as que eu reconheço neste mundo, e é uma delas a com que em vós me encontro neste momento. Não porque sejais o número. Não porque sejais a torrente. Não porque sejais a catarata. Não porque sejais o poder incoercível. Mas porque sois a barreira do poder. Mas porque sois o reservatório da vida. Mas porque sois a caudal saneadaora. Mas porque sois a soma das atividades, que constituem o trabalho, a união dos que não se nutrem do cabedal alheio, o mundo limpo, claro e são dos que não têm que esconder o de que vivem. Operários brasileiros, que viestes hoje a mim, que me honrais com o desejo de me ouvir, que me estais dando a vossa atenção, a importância do elemento que representais cresce a olhos vistos, dia a dia, mas não principalmente por irdes crescendo em numerosidade, não por engrossardes em vulto, não por aumentardes em materialidade, bruta; sim porque vos elevais em inteligência; sim porque melhorais em moralidade; sim porque vos desenvolveis no sentimento de vós mesmos, do vosso valor no meio dos outros fatores sociais, das vossas necessidades na cultura desse valor. Os homens não se governam pela inconsciência do peso, mas pelo peso da consciência.



Agora, veja-se a seguinte crônica de Lima Barreto, intitulada: “A mulher brasileira”:

### A mulher brasileira

É de uso que, nas sobremesas, se façam brindes em honra ao aniversariante, ao par que se casa, ao infante que recebeu as águas lustrais do batismo, conforme se tratar de um natalício, de um casamento ou batizado. Mas, como a sobremesa é a parte do jantar que predispõe os comensais a discussões filosóficas e morais, quase sempre, nos festins familiares, em vez de se trocarem idéias sobre a imortalidade da alma ou o adultério, como observam os Goncourts, ao primeiro brinde se segue outro em honra à mulher, à mulher brasileira.

Todos estão vendo um homenzinho de *pince-nez*, testa sungada, metido numas roupas de circunstâncias; levantar-se lá do fim da mesa; e, com uma mão ao cálice, meio suspenso, e a outra na borda do móvel, pesado de pratos sujos, compoteiras de doce, guardanapos, talheres e o resto - dizer: “Peço a palavra”; e começar logo: “Minhas senhoras, meus senhores”. As conversas cessam; Dona Lili deixa de contar a Dona Vivi a história do seu último namoro; todos se aprumam nas cadeiras; o homem tosse e entra em matéria: “A mulher, esse ente sublime...” E vai por aí, escachoando imagens do *Orador familiar*, e fazendo citações de outros que nunca leu, exaltando as qualidades da mulher brasileira, quer como mãe, quer como esposa, quer como filha, quer como irmã.

A enumeração não foi completa; é que o meio não lhe permitia completá-la.

É uma cena que se repete em todos os festivos ágapes familiares, às vezes mesmo nos de alto bordo.

Haverá mesmo razão para tantos gabos? Os oradores terão razão? Vale a pena examinar.

Não direi. que, como mães, as nossas mulheres não mereçam esses gabos; mas isso não é propriedade exclusiva delas e todas as mulheres, desde as esquimós até às australianas, são merecedoras dele. Fora daí, o orador estará com a verdade?

Lendo há dias as *Memórias*, de Mine. d'Épinay, tive ocasião de mais de uma vez constatar a floração de mulheres superiores naquele extraordinário século XVIII francês.

Não é preciso ir além dele para verificar a grande influência que a mulher francesa tem tido na marcha das idéias de sua pátria.

Basta-nos, para isso, aquele maravilhoso século, onde não só há aquelas que se citam a cada passo, como essa Mine. d'Épinay, amiga de Grimm, de Diderot, protetora de Rousseau, a quem alojou na famosa “Ermitage”, para sempre célebre na história das letras; e Mine. du Deffant, que, se não me falha a memória, custeou a impressão do *Espírito das leis*. Não são unicamente essas. Há mesmo um pululamento de mulheres superiores que influem, animam, encaminham homens superiores do seu tempo. A todo o momento, nas memórias, correspondências e confissões, são apontadas; elas se misturam nas intrigas literárias, seguem os debates filosóficos.

É uma Mine. de Houdetot; é uma Marechala de Luxemburgo; e até, no fundo da Sabóia, na doce casa de campo de Charmettes, há uma Mine. de Warens que recebe, educa e ama um pobre rapaz maltrapilho, de quem ela faz mais tarde Jean-Jacques Rousseau.

E foi por ler Mine. d'Épinay e recordar outras leituras, que me veio pensar nos calorosos elogios dos oradores de sobremesas à mulher brasileira. Onde é que se viram no Brasil, essa influência, esse apoio, essa animação das mulheres aos seus homens superiores?

É raro; e todos que o foram, não tiveram com suas esposas, com suas irmãs, com suas mães, essa comunhão nas idéias e nos anseios, que tanto animam, que tantas vantagens trazem ao trabalho intelectual.

Por uma questão qualquer, Diderot escreve uma carta a Rousseau que o faz sofrer; e logo este se dirige a Mme. d'Épinay, dizendo: “Se eu vos pudesse ver um momento e chorar, como seria

aliviado!" Onde é que se viu aqui esse amparo, esse domínio, esse ascendente de uma mulher; e, entretanto, ela não era nem sua esposa, nem sua mãe, nem sua irmã, nem mesmo sua amante!

Como que adoça, como que tira as asperezas e as brutalidades, próprias ao nosso sexo, essa influência feminina nas letras e nas artes.

Entre nós, ela não se verifica e parece que aquilo que os nossos trabalhos intelectuais têm de descompassado, de falta de progressão e harmonia, de pobreza de uma alta compreensão da vida, de revolta clara e latente, de falta de serenidade vem daí.

Não há num Raul Pompéia influência da mulher; e cito só esse exemplo que vale por legião. Se houvesse, quem sabe se as suas qualidades intrínsecas de pensador e de artista não nos poderia ter dado uma obra mais humana, mais ampla, menos atormentada, fluindo mais suavemente por entre as belezas da vida?

Como se sente bem a intimidade espiritual, perfeitamente espiritual, que há entre Balzac e a sua terna irmã, Laura Sanille, quando aquele lhe escreve, numa hora de dúvida angustiada dos seus tenebrosos anos de aprendizagem: "Laura, Laura, meus dois únicos desejos, 'ser célebre e ser amado', serão algum dia satisfeitos?" Há disso aqui?

Se nas obras dos nossos poetas e pensadores, passa uma alusão dessa ordem, sentimos que a coisa não é perfeitamente exata, e antes o poeta quer criar uma ilusão necessária do que exprimir uma convicção bem estabelecida. Seria melhor talvez dizer que a comunhão espiritual, que a penetração de idéias não se dá; o poeta força as entradas que resistem tenazmente.

É com desespero que verifico isso, mas que se há de fazer? É preciso ser honesto, pelo menos de pensamento...

É verdade que os homens de inteligência vivem separados do país; mas se há uma pequena minoria que os segue e acompanha, devia haver uma de mulheres que fizesse o mesmo.

Até como mães, a nossa não é assim tão digna dos elogios dos oradores inflamados. A sagacidade e agilidade de espírito fazem-lhes falta completamente para penetrar na alma dos filhos; as ternuras e os beijos são estranhos às almas de cada um. Sonho do filho não é percebido pela mãe; e ambos, separados, marcham no mundo ideal. Todas elas são como aquela de que fala Michelet: "Não se sabe o que tem esse menino. Minha Senhora, eu sei: ele nunca foi beijado".

Basta observar a maneira de se tratarem. Em geral, há jeitos cerimoniosos, escolhas de frases, ocultações de pensamentos; o filho não se anima nunca a dizer francamente o que sofre ou o que deseja e a mãe não o provoca a dizer.

Sem sair daqui, na rua, no bonde, na barca, poderemos ver a maneira verdadeiramente familiar, íntima, sem *morgue* nem medo, com que as mães inglesas, francesas e portuguesas tratam os filhos e estes a elas. Não há sombra de timidez e de terror; não há o "senhora" respeitável; é "tu", é "você".

As vantagens disso são evidentes. A criança habitua-se àquela confidente; faz-se homem e, nas crises morais e de consciência, tem onde vazar com confiança as suas dores, diminuí-las, portanto, afastá-las muito, porque dor confessada é já meia dor e tortura menos. A alegria de viver vem e o sorumbatismo, o mazombo, a melancolia, o pessimismo e a fuga do real vão-se.

Repito: não há tenção de fazer uma mercurial desta crônica; estou a exprimir observações que julgo exatas e constato com raro desgosto. Antes, o meu maior desejo seria dizer das minhas patrícias, aquilo que Bourget disse da missão de Mme. Taine, junto a seu grande marido, isto é, que elas têm cercado e cercam o trabalho intelectual de seus maridos, filhos ou irmãos de uma atmosfera na qual eles se movem tão livremente como se estivessem sós, e onde não estão de fato sós.

Foi, portanto combinado a leitura de uma mulher ilustre com a recordação de um caso corriqueiro da nossa vida familiar que consegui escrever estas linhas. A associação é inesperada; mas não há do que nos surpreender com as associações de idéias.

A crônica acima caracteriza-se por um linguajar direto, informal e com variações de vocabulário. O texto, nada empolado, revela ideias de forma direta, simples, isto tudo sem perder a fluidez textual e a sequência narrativa que instiga o leitor, envolvendo-o.

Quando Barreto opta por “numas”, “vazar”, “gabos”, “daí”, “sorumbatismo”, “mazombo”, “vale por legião” está comunicando por meio de seu aparato linguístico. “Numas” é um “agrupamento” prepositivo mais informal, o que denota indicativo de variação diastrática, justamente por ser caráter enunciativo coloquial. “Vazar” é utilizado como modo conotativo, uso o qual mostra inventividade e liberdade na escrita, ou seja, quebra de paradigmas tradicionais. Assim como, ao utilizar “gabos”, “sorumbatismo” e “mazombo” Barreto constrói uma escrita que faz uso lexical de variação diafásica, pelo uso de gíria no contexto comunicacional. Quando fala “vale por legião” “flerta” com a linguagem coloquial, engloba-se na linguagem diafásica, por indicar que falar deste modo vem de um sentimento de pertença a uma região.

Estas variações contidas nas crônicas de Barreto indicam muito mais do que estilística textual. Elas mostram, sobretudo que o autor usa a língua mantendo-a na estrutura que rompe com o tradicional pois para a época a linguagem padrão era a ideal.

Lima Barreto vem a desconstruir padrões narrativos. Seus textos comunicam o que a gramática, como diria Marcos Bagno, é parte da língua e não ela inteira. Aqui, também, pode-se inferir que o autor faz uso das teorias de variacionistas, ou seja, a Sociolinguística.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A manifestação da língua e da linguagem de uma nação é sua marca multicultural. É sua essência. São suas nuances linguísticas. Estudar sobre a língua, enquanto nuance cultural de um povo é enaltecer o que a nação possui. Analisar a linguagem popular é empoderar, habilitar a língua como fonte variacionista e mutante, é validar a linguagem e a literatura de resistência em nosso país.

A escolha pelo estudo de Lima Barreto traz a forte expressão de um ator que sofreu um certo silenciamento em nosso país. Um autor que sofreu duras críticas dos autores conservadores, ditos como tradicionais, justamente por Barreto lidar em sua escrita com o caráter periférico, regional e popular, que versa com o PNP (português não-padrão).

Estudar Lima Barreto pelo olhar das teorias variacionistas, contempladas pela Sociolinguística, é dialogar com o empoderamento. A língua bem como a linguagem possuem fortes laços com o lugar social de quem os conduz. Estudar a língua como elemento de resistência é o que move a presente pesquisadora, uma vez que cabe, aos acadêmicos de Letras e Comunicação, a propagação de estudos que versam sobre oportunizar saberes no que tange aos estudos dos mais variados leques, sejam eles da língua, do social e do multicultural.

Estudar as múltiplas manifestações das linguagens corrobora com o olhar social sobre as camadas silenciadas no Brasil. Estudar a literatura de resistência é, por tanto, difundir olhares diferenciados sobre uma realidade imposta por teorias opressoras.

Crê-se que princípios de que a educação não pode ser bancária, tal como elucidada Paulo Freire em seus estudos. A língua e sua manifestação é direito social dos cidadãos. Oportunizar aos falantes seu direito de expressão é, portanto, promover a equidade no Brasil. É dar vez e voz às mais diversas classes.

Isto posto, a presente produção textual justificou-se por seu caráter de estudo multissocial e multicultural. Dialoga com os Estudos de Linguagens e, justifica-se também, pela relevância literária de Lima Barreto no nosso país. Torna-se válido, contudo, pois demonstra o quanto a linguagem manifesta-se com seu cunho de elemento de obstinação dos povos.

## REFERÊNCIAS

**ANTUNES, Irandé. Limpando o pó das ideias simples.** São Paulo: Parábola Editorial. 2014.

**BAGNO, Marcos. Preconceito Linguístico.** São Paulo: Parábola Editorial. 2015.

**FARACO, Carlos Alberto (org.) (2001) Estrangeirismos: Guerras em Torno da Língua.** São Paulo, SP: Parábola Editorial,.

**FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.<sup>a</sup> edição.

15 de Novembro. Lima Barreto. Disponível em:  
<http://cronicasintessantes.blogspot.com.br> Acesso em: 26.nov.2017.

**TARALLO, Fernando. A pesquisa sociolingüística.** 4<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ática, 1994.

*William Labov fala de Sociolinguística.* Disponível em:<<http://www.stellabortoni.com.br/index.php/4640-william-labov-fala-de-sociolinguistica>> Acesso em 26.nov.2017.